

Jornalismo Literário na Revista Revestrés

Breno CAVALCANTE¹

Thalyta GONÇALVES²

Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI.

Resumo

Esse artigo tem o objetivo de analisar as narrativas da revista Revestrés que assumem características do Jornalismo Literário. A Revestrés, fundada no ano de 2012, ainda que não possa ser enquadrada como uma revista puramente literária, busca no seu trabalho unir o jornalismo ao estilo de escrita literário para compor suas narrativas de maneira que se tornem mais atrativas para o leitor. Desse modo, se fez necessário refletir sobre o Jornalismo Literário a partir de Felipe Pena (2006) e Rogério Borges (2013) para compreender como o Jornalismo Literário estabelece estratégias narrativas para a assimilação de uma realidade. Além disso, nos apoiamos no filósofo francês Paul Ricoeur (2010) para analisarmos, a partir do círculo hermenêutico, a relação entre jornalista e leitor na construção dessas narrativas literárias em Revestrés.

Palavras-chave: Círculo Hermenêutico; Jornalismo Literário; Revestrés;

Introdução

A união de dois tipos discursivos diferentes entre si, mas que, no entanto, muito se assemelham que é o jornalístico e o literário produz o que chamamos de Jornalismo Literário. Para esse estudo, levaremos em conta as considerações de Felipe Pena (2006), que caracteriza essa união de discursos não como um gênero específico propriamente dito, mas sim como “uma aproximação conceitual, identificando subdivisões possíveis de acordo com o momento histórico”.

Desse modo, não aceitar a existência de um padrão para o Jornalismo Literário como um gênero, sugere que este tipo de jornalismo subdivide-se ao longo dos anos e em determinados contextos. Assim, tomamos o mesmo percurso elaborado Pena (2006) para perceber as várias concepções tomadas pelo Jornalismo Literário ao longo dos anos, buscando ir além das dicotomias estabelecidas entre “ficção” e “verdade” e da oposição

¹Graduando Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Piauí-UFPI. Integrante do Núcleo de Pesquisa em Comunicação (NUJOC) e parte do Projeto Memória do Jornalismo, orientado pela Professora Doutora Ana Regina Rêgo. E-mail: brenokavalcante@gmail.com.

² Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: thalyta_arrais@hotmail.com.

entre informar e entreter – comuns ao debate entre Jornalismo e Literatura – mas, sim em identificar suas intercessões do ponto de vista narrativo.

Estabelecer uma origem para o Jornalismo Literário é uma tarefa complicada já que muitos estudos divergem quanto a isso. No entanto, *Ciro Marcondes Filho* (*apud* PENA, 2006, p.28) estabelece um “quadro evolutivo” para o jornalismo, dividindo seu desenvolvimento em cinco épocas distintas. São elas a pré-história do jornalismo, primeiro jornalismo, segundo jornalismo, terceiro jornalismo e o quarto jornalismo. Nessa divisão categórica é possível perceber certa influência da literária nos dois primeiros períodos, época em que os jornais despontavam como um “novo espaço público” e eram ocupados por grandes escritores da época, que determinavam “a linguagem e o conteúdo dos jornais” (PENA, 2006, p.28).

Essa aproximação, nessas duas primeiras fases acima citadas, entre Jornalismo e Literatura não corresponde exatamente à mistura de estilos, mas a incorporação do discurso literário em um determinado espaço do jornal, com os *folhetins* e cadernos literários, ou seja, mesmo que próximas, elas ainda estabelecem territórios específicos em sua produção. Percebemos assim como o jornal fez uso do discurso literário para alavancar suas vendas e se consolidar como veículo de comunicação e não como uma prática em si, o que só é possível observar com o movimento conhecido como *New Journalism*.

Será com esse movimento que o jornalismo irá começar a estabelecer de fato suas primeiras experiências literárias, elaborando um estilo próprio de narrativa, que influenciará várias produções posteriores, inclusive a revista piauiense *Revestrés*.

Dessa forma afirmamos que esse artigo tem o objetivo de analisar qualitativamente, a partir do círculo hermenêutico de Paul Ricoeur (2010), as narrativas da *Revestrés* que assumam as características de Jornalismo Literário apontadas por Rogério Borges (2013). Seleccionamos para compor a amostra dessa análise, um total de quatro textos, encontrados em três edições do primeiro ano de funcionamento da revista, que vai de fevereiro a novembro do ano de 2012.

O Jornalismo Literário Contemporâneo

Essa “nova” proposta de escrita jornalística acontece com o surgimento de um manifesto conhecido como *New Journalism*, ou Novo Jornalismo, elaborado por Tom Wolf.

Há, no entanto, uma problemática quanto ao termo Novo Jornalismo, já que o professor Carlos Rogé (*apud* PENA, 2006, p.52) afirma que o mesmo já teria sido usado em 1887, porém, usado como forma de desqualificar uma prática jornalística de um repórter da *Pall Mall Gazette*.

Ele era um repórter engajado nas lutas sociais, recriava a atmosfera das entrevistas em seus textos e fazia matérias participantes. Em uma delas, “comprou” uma menina de 13 anos da própria mãe para denunciar a prostituição infantil... Considerado inconsequente por seus adversários, recebeu a alcunha de novo jornalista, cujo significado mais aproximado era o de “cabeça oca” ou “cérebro de passarinho”. Bem diferente do conceito atual. (PENA, 2006, p.52).

Sem nos prendermos na tentativa de querer determinar um marco fundador para o Novo Jornalismo, o que nos chama a atenção é exatamente a relação discursiva proposta em ambas as situações para a execução de um jornalismo diferente do que se produzia. O que se observa é que embora Tom Wolf institucionalize as práticas literárias no jornalismo, outros muitos já se aventuravam nessa empreitada, de incorporar ao discurso jornalístico elementos que até então eram referentes à literatura.

Segundo Pena (2006) o que proporciona o surgimento desse movimento de Novo Jornalismo nos Estados Unidos na década de 1960 é uma insatisfação dos próprios profissionais da imprensa quanto as regras de objetividade às quais o texto jornalístico estava sujeito. Assim Wolf questiona a objetividade jornalística e propõe que:

Os repórteres devem seguir o caminho inverso e serem mais subjetivos. Não precisam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação de um chato pensamento prosaico e escravo do manual de redação. O texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias. (PENA, 2006, p.54).

Assim, Jornalismo e Literatura definitivamente se encontram de maneira mais explícita, extrapolando as barreiras da objetividade na qual o Jornalismo procurou se envolver ao longo dos anos. Aqui notícias viram histórias, pessoas se transformam em personagens e o jornalista definitivamente torna-se um escritor (ou vice versa). Outras características como o tamanho das matérias ganham destaque com o *new journalism*, bem como o uso de técnicas que proporcionassem ao leitor falar com os personagens, interagisse com eles, criando uma narrativa que inquietasse o leitor, tirando-o de uma zona de conforto.

Tom Wolf (2005) destacou uma das técnicas usadas por esse gênero era o ponto de vista dos personagens das narrativas, que sofriam mudanças ao longo do texto. Com uma maior preocupação pelos detalhes e pela emoção a ser relatada, o tempo dedicado ao trabalho jornalístico tornou-se mais demorado e intenso, tendo o jornalista a ter que dedicar mais do seu tempo ao tema da matéria.

Por fim, Wolf postulou quatro recursos necessários para que as narrativas do *new journalism*. A primeira delas, e a mais básica, diz respeito a maneira como se deve narrar uma história, onde o narrador precisa detalhar cena a cena sem a necessidade de ater-se demais à narrativa histórica, e no entanto, para que desenvolva-se é necessário que o narrador domine outro recurso, o de registrar diálogos, já que “o diálogo realista envolve o leitor mais completamente que qualquer outro recurso.” (WOLF, 2005, p.54).

O terceiro recurso irá tratar da utilização da descrição dos fatos em terceira pessoa, para que o leitor “tenha a sensação de estar dentro da cabeça do personagem, experimentando a realidade emocional da cena” (WOLF, 2005, p.54). O quarto recurso baseia-se em registrar no texto as expressões do personagem, como hábitos e comportamentos, assim como descrição do ambiente.

Já nos anos de 1970, movido pelos movimentos de contestação da época, surge uma vertente mais “radical” do *New Journalism*, o Jornalismo Gonzo. Tendo Hunter Thompson como seu precursor e principal ícone, a nova vertente jornalística era bem próxima das proposições de Wolf, no entanto, assumindo de vez sua estreita relação com o viés fictício da literatura, onde os textos sempre eram escritos em primeira pessoa, anulando completamente a ideia de um jornalismo imparcial.

Uma vez apontado o caminho percorrido pelo Jornalismo Literário e seus subgêneros dentro dos mais diversos contextos históricos, trataremos a seguir mais especificamente sobre a história e algumas atualidades acerca da revista *Revestrés*, observando como suas narrativas voltadas para um Jornalismo Cultural fazem muitas vezes fazer uso das características de um Jornalismo Literário, mesmo que essa não seja a proposta da mesma.

A Revista *Revestrés*

ISSN 2175-6945

A *Revestrés* é uma revista com conteúdo especializado em jornalismo cultural criada no ano de 2012³, produzida e publicada pela Quimera – Eventos, Cultura e Editoração Ltda. Seu nome remete a uma palavra típica do piauiense, inspirada na Grande Enciclopédia Internacional de Piauiês, de Paulo José Cunha: “de revestrés”, que significa ao avesso, contrário (GUEDES, 2014).

Com o intuito de suprir uma carência do conteúdo cultural nas produções piauienses, a revista surge com periodicidade bimestral, e atualmente, uma nova edição é lançada a cada mês. Com sua sede física na cidade de Teresina, suas publicações conseguem alcançar todo o estado do Piauí, e leitores de outros estados. Esse alcance fora do território piauiense advém, além da venda de edições, especialmente, das mídias digitais e do endereço eletrônico da *Revestrés*.



Capa das edições nº 3,4 e 5, do ano de 2012, usadas nesse artigo.

Compõe a equipe da revista o publicitário e escritor André Gonçalves (diretor responsável e fotógrafo), o professor e escritor Wellington Soares (diretor responsável), pela jornalista e professora Samária Andrade (editora e repórter), pelas jornalistas Luana Sena, Nayara Felizardo, Victória Holanda (repórteres), por Maurício Soares (fotógrafo), Adriano Leite (responsável pelo setor administrativo) e Alcides Júnior (responsável pelo projeto gráfico da revista).

O pesquisador Filipe França Ferreira Guedes (2014) aponta que a formação dessa equipe se caracteriza por estabelecer uma mistura entre profissionais que já possuíam uma

³ Mayara Ferreira em sua dissertação de mestrado relata a existência de uma outra revista chamada *Revestrés* publicada no ano de 1949 no Piauí (FERREIRA, 2015, p.82).

grande experiência, com pessoas que estão há pouco tempo nesse mercado jornalístico. Guedes (2014) ressalta ainda para uma afinidade entre esses membros da equipe, dada uma “paixão” que todos nutrem pela cultura e pelo jornalismo cultural, motivo pelo qual foram escolhidos pelos idealizadores da revista. Sobre esse sentimento, André Gonçalves explica no editorial da terceira edição revista:

Não temos certeza se isso fere os cânones jornalísticos, mas essa revista é feita antes de tudo com paixão. Paixão pelos textos, pelas fotos, pelas pessoas com quem convivemos, pelas pessoas que colaboram conosco, pelos novos amigos que fizemos, pelas viagens. Pelos momentos que estão impressos em nós, mais do que na revista. Parece que os leitores estão gostando. (REVESTRES, 2012, n. 3, p.4).

Claro que toda essa afinidade não inibe a existência das opiniões mais diversas possíveis, no entanto, isso termina se tornando um contraponto para que a revista se promova por “superar uma visão particular sobre o que é cultura e transbordar esse limite ao trabalhar com outras manifestações que não fazem parte de vivências e gostos culturais de cada um” (GUEDES, 2014, p. 64). Sobre o conteúdo da Revista Revestrés, Mayara Ferreira (2016) afirmará que a mesma:

[...] se concentra principalmente no gênero interpretativo, classificado pelo jornalismo com reportagens longas e aprofundadas, ocupando diversas páginas, além de entrevistas, ensaios fotográficos, artigos de opinião escritos por professores, produtores culturais, jornalistas; mas também publica produtos do gênero literário, como poesias, crônicas e textos de ficção. (FERREIRA, 2016, p.82).

No caso do jornalismo cultural isso é construído a partir de várias táticas no que diz respeito a questões estéticas que torne possível a sua assimilação. Movido por isso, suas práticas muitas vezes acabam adentrando aspectos de um Jornalismo Literário, onde “apropria-se das técnicas da literatura e vice-versa. O jornalismo tem dado maior vivacidade à literatura moderna. Qualquer reportagem bem feita tem elementos literários. Porque o literário não é apenas o ornamento” (LIMA, 1995, p. 139). Podemos ainda relacionar isso ao que Guedes (2014) chama de “economia criativa”, para explicar as estratégias adotadas pelo jornalismo no intuito de tornar-se mais atraente para seu público.

Dessa maneira, as narrativas encontradas nas edições da revista *Revestrés* acabam muitas vezes adentrando um campo jornalístico que não assumem para si, pelo menos não de maneira explícita e oficial, que são as do Jornalismo Literário.

As proposições “ingênuas” de um jornalismo objetivo e compromissado com a veracidade dos fatos, que tradicionalmente se constituíram como postulados do jornalismo tradicional se contrapõem ao que se estabeleceu na literatura como ficção, assim, assumir-se como jornalismo literário ainda é, atualmente, questionar a credibilidade jornalística e seu caráter objetivo e imparcial. Talvez por isso a própria *Revestrés* não se afirme como uma revista literária, mesmo André Gonçalves afirmando que a revista “traz um pouco dessa tentativa permanente de lutar contra as certezas arraigadas” (GONÇALVES, 2012, n°3, p.4).

Considerando as narrativas presente nas edições da revista, partiremos para o entendimento da proposta do círculo hermenêutico estabelecido por Paul Ricoeur (2010) para compreender como o texto transita de uma pré-configuração do vivido, para uma ressignificação, tanto textual como da própria vivência, por parte de quem o lê e como isso se estabelece em uma mão dupla.

O círculo hermenêutico como proposta metodológica

Conceber as narrativas produzidas em qualquer período histórico apenas por suas características textuais seria empobrecer as possibilidades de análise sobre a mesma. Dessa maneira, nos apoiaremos na Teoria Narrativa desenvolvida pelo filósofo francês Paul Ricoeur (2010), para analisar as narrativas que se apresentam na revista *Revestrés*.

Ricoeur percebe que a tarefa de narrar algum fato não se constitui de maneira isolada do vivido, pois “emerge dele, referindo-se a ele, e retorna a ele, transformando-o e transformando-se” (REIS, 1996, p. 28). Assim o círculo hermenêutico seria o responsável por estabelecer indiretamente essa relação entre vivência e texto, articulando sentidos, referências e temporalidades (GONÇALVES, 2017, p.77), a partir de três fases mimética: a *mímesis I*, *mímesis II* e *mímesis III*.

Dessa maneira, *mímesis I* é a fase onde o texto é pré-concebido, partindo de elementos que antecedem o próprio texto, sendo atravessado pela vivência do autor, *mímesis II* onde essa experiência vivida é configurada através do próprio texto, e, por fim, a

mimesis III, que é onde o leitor reconfigura o texto através de sua vivência e vice-versa. De maneira resumida, podemos entender que:

A tríplice *mimesis* é, assim, um processo que envolve nossa realidade física e simbólica, quando extrai da cultura aquilo que será configurado ao passo que joga o sujeito leitor, envolvido em sua própria cultura, de volta para um mundo simbólico. Esse mundo não é necessariamente aquele que começou, mas um novo mundo, capaz de produzir novas experiências e/ou ressignificá-las, transformando também a realidade concreta – aquela fora do texto. (GONÇALVES, 2017, p.81).

José Carlos Reis (1996) diz ainda que “Ricoeur não lança um holofote iluminista sobre seus objetos, mas uma iluminação multifocal, multicolorida, em várias potências, nuançando, produzindo também o efeito de obscurecer, para fazer ver” (REIS, 1996, p. 22) para assim reconciliar as questões de tempo e narrativa.

Assim, de maneira prática, o que faremos é identificar os pontos narrativos que se caracterizam como um Jornalismo Literário na Revista *Revestrés*, observando como eles são atravessados por uma temporalidade e por elementos anteriores ao próprio texto, para então constituírem uma “intriga” em forma de narrativa. A fase de *mimesis III* será apreendida através dos comentários dos leitores que a revista também publica, com a devida preocupação com o fato de que esse conteúdo passa por uma seleção dos próprios editores da revista, então eles também caracterizam uma *mimesis I* da mesma. A verificação dessas duas fases de *mimesis* será dada pela análise da amostra selecionada nas edições da *Revestrés*.

A *Revestrés*: análise das narrativas

Neste tópico iremos analisar as narrativas presentes em cinco edições da revista – dos meses de fevereiro a novembro de 2012 – que correspondem às publicações do primeiro ano de circulação da Revista *Revestrés*. Essa delimitação se faz necessária visto que objetivamos perceber as características narrativas da revista na sua fase inicial. Ressaltamos ainda, que não faremos aqui uma análise cronológica das edições, nem tampouco realizaremos uma análise de todo o conteúdo correspondente a narrativas de um Jornalismo Literário presente nos exemplares, haja visto que a proposta deste estudo é a realização de uma análise qualitativa das amostras.

A *Revestrés*, que em termos de mercado é comercializada como revista de conteúdo “especializado” em Jornalismo Cultural, mas, que por sua vez, não toma para si a alcunha de “revista literária”, muito possivelmente por uma questão relacionada acerca da objetividade jornalística que por uma questão realmente prática. Mesmo assim, conseguimos observar que a revista nos dá vários exemplos do que Lima aponta como um desafio para a realização de um Jornalismo Literário, que seria “aliar a objetividade da captação linear, lógica” do jornalismo tradicional “com a subjetividade impregnada de impressões do repórter, imerso dos pés à cabeça no real” advinda do Jornalismo Literário (LIMA *apud* BORGES, 2013, p.223).

Na edição número V (correspondente aos meses de novembro e dezembro do ano de 2012) selecionamos dois textos para compor nossa amostra. O primeiro trata-se do texto “Amigos da Sanfona” que conta sobre um grupo de pessoas que se encontram aos fins de semana para “manter a tradição do autêntico forró” (REVESTRES, 2012, n. 5, p.57), e a segunda, “O homem que cozinhava” (REVESTRES, 2012, n. 5, p.60), acerca de um pequeno empreendimento culinário na cidade de Teresina que conquistou rápido sucesso ao apostar em comidas típicas do estado.

“Aos poucos eles vão chegando. O dia vai dando adeus com seu calor característico do verão e a noite chega o som do forró.” (REVESTRES, 2012, n. 5, p.55), é assim que se inicia nossa primeira amostra, nos mostrando como a revista utiliza-se do estilo literário para elaboração dos seus textos jornalísticos, confirmando que “a hibridização se dá, até com naturalidade, porque jornalismo e literatura mantêm aproximações inevitáveis.” (BORGES, 2013, p.219).

O objetivo da reportagem é informar sobre pessoas que se reúnem periodicamente para se dedicarem a uma atividade afim. A estrutura do texto de algum modo segue a lógica de um jornalismo literário contemporâneo, já que Liliane Pedrosa, a autora do texto, se utiliza das técnicas literárias, “recorrendo a recursos para tornar sua narrativa instigante e crível” (BORGES, 2013, p. 229).

Quando, ao desenvolver a narrativa, o texto nos diz que “a comida da dona Helena é convite a quem gosta de saborear a culinária regional, como carneiro com cuscuz, uma das especialidades da casa” (REVESTRES, 2012, n. 5, p.55) constatamos que o repórter se insere no texto, sem se preocupar com que seu texto se torne subjetivo demais, pelo

contrário, parece-nos que impregnar o texto de subjetividade corresponde a uma alternativa de aproximação com o leitor.

A escrita em primeira pessoa, o uso de uma linguagem coloquial e de uma diagramação mais elaborada, são características que também evidenciam a tentativa que a revista tem de romper com os padrões tradicionais do jornalismo. Observemos então o segundo texto retirado da edição número V para compor nossa amostra.

Nela podemos destacar que a narrativa é constituída apenas pelas observações do jornalista e pelo relato de Adriano Moura, personagem da reportagem. Nela temos mais de dez citações diretas, todas de Adriano. Isso é uma característica do Jornalismo Literário que marca também as narrativas da *Revestrés*, que é pautar-se pelas experiências do entrevistado, através de seus relatos, e do jornalista, considerando sua observação participante.

Na edição número III, (correspondente aos meses de julho e agosto do ano de 2012) a *Revestrés* nos traz uma entrevista com o Benjamin Santos, que como a própria revista o descreve em seu texto de apresentação: “o piauiense que é considerado um dos melhores autores de teatro infantil do Brasil” (REVESTRES, 2012, n. 3. p.9). Já na revista número IV (correspondente aos meses de setembro de outubro do mesmo ano) temos a reportagem “Stefhany absoluta em dose dupla?”, cantora do interior do Piauí que ficou nacionalmente conhecida através de seus cliques amadores.

O professor Rogério Borges também nos apresenta em seu livro, *Jornalismo Literário: teoria e análise*, alguns elementos que nos auxiliam analisar nossas duas amostras acima, e perceber como suas narrativas são permeadas pelo estilo literário:

O indivíduo que é tema de uma reportagem de viés literário tem sua história vida, seus atos precedentes que indicam padrões de comportamento, preferências e manias, a forma pela qual circula em seus ambientes (casa, trabalho, bairro), seus pensamentos e valores e o que mais parecer interessante ao narrador vasculhados na apuração. (BORGES, 2013, p.230).

Nas duas amostras, temos dois personagens do cenário artístico piauiense, um não tão conhecido até mesmo para seus conterrâneos como é Benjamin Santos, e outro que ganhou grande projeção e status de personalidade nacional, a cantora Stefhany. Algumas

características desses dois artistas são descritos como maneira de fazer com que o leitor tanto esteja ambientado como alimente um interesse pelo conteúdo do texto.

A revista descreve uma situação vivenciada por Benjamin Santos na cidade do Rio de Janeiro, quando esteve no meio de uma briga entre a cantora Marlene e os músicos do cantor João Bosco, durante um último ensaio para apresentação no Projeto Pixinguinha.

Estava formada a confusão. Agora só o diretor do espetáculo poderia resolver tal constrangimento [...] mas o diretor do espetáculo era o piauiense Benjamin Santos, que crescera ouvindo Marlene e Emilinha Borba no seu pequeno rádio em Parnaíba, e nunca havia se imaginado nessa situação. (REVESTRÉS, 2012, n. 3, p. 09).

Já na amostra coletada na edição número IV temos ao mesmo tempo uma ambientação e caracterização da personagem, a partir do olhar do repórter ao acompanhar uma apresentação da cantora em uma casa de shows em um bairro da periferia de Teresina.

Nem mesmo os problemas com som, ou a pouca empolgação das cerca de 20 pessoas na plateia fazem Stephany desanimar na apresentação em um novo *Pub* em Teresina, no bairro Dirceu. O comportamento, do começo ao fim do show, é de profissional. (REVESTRÉS, 2012, n. 4, p. 50)

Com uma narrativa mais espontânea e menos atrelada aos valores do Jornalismo Tradicional, o Jornalismo Literário praticado pela Revista Revestrés está mais preocupado em levar ao seu leitor um “detalhamento de um ambiente, das feições de uma pessoa, cumpre papel de informar o que ocorreu em determinada ação ou como é certo indivíduo, salpicando a narrativa com pontos de referência e ganhando credibilidade” (BORGES, 2013, p.231).

Nas duas oportunidades temos narrativas que tentam reconstruir um acontecimento. No texto sobre Benjamin percebemos que o jornalista descreve, como se ele mesmo estivesse presente na cena, mas apenas se baseando nos relatos de seu entrevistado, um acontecimento que se constituiu no passado, tanto que o próprio repórter salienta que “[...] quando Benjamin termina de contar essa história, está quase aos gritos. Eloquente, era como se tivesse voltado no tempo” (REVESTRÉS, 2012, n. 3, p.9).

No segundo texto também podemos constatar que o repórter está vivenciado o narrado, ao narrar: “‘Abaixa um pouco o retorno dois!’, pede a cantora no meio da música,

com um ar de quem sabe o que está fazendo” (REVESTRES, 2012, n. 4, p.50). Constatamos que esse elemento do Jornalismo Literário, de descrever o ambiente e o entrevistado, se constrói como ponto de ligação do texto com seu leitor, fazendo com que este se sinta dentro daquele, tornando-o mais atraente.

Essas características são apontadas por Rogério Borges como “estratégias” adotadas pelo Jornalismo Literário na busca por uma narrativa cada vez mais “convicente”, para a “consolidação da verossimilhança” (BORGES, 2013, p.231).

O que fica mais explícito nas narrativas analisadas acima é que os jornalistas que escrevem os textos elaboram a partir de um mundo prefigurado uma narrativa atravessada por uma “intriga” (RICOEUR, 2010), capaz de marcá-los por uma temporalidade. Na revista número IV temos uma narrativa em que o repórter consegue marcar o texto por uma temporalidade própria, ele parte do seu próprio processo de apreensão dos elementos pré-textuais, para informar ao seu leitor, que viveu aquele momento.

Já na revista de número III, embora isso também aconteça não se dá de maneira igual, pois, o que temos é o jornalista transformando o tempo de seu entrevistado em um tempo seu, e que posteriormente também se torna um tempo do próprio leitor. Toda essa complexidade nos permite compreender o processo em que as *mímesis* estão sempre dialogando uma com as outras, formando o que Paul Ricoeur (2010) chamou de “espiral”.

Essa relação entre leitor e texto pode também ser compreendida se levarmos em consideração a terceira *mímesis*, em que o leitor atua não como um mero receptor passível dos sentidos ali criados no processo narrativo, mas sim como um agente ativo e integrado ao processo textual. Ricoeur (2010) afirma, como dito anteriormente, que é nessa etapa onde o leitor tem a capacidade não somente de ter contato com o mundo prefigurado de quem produz um texto, mas também de criar o seu próprio sentido através de sua interpretação, voltando assim para sua própria *mímesis* I.

Observamos como se apresenta essa relação entre a Revestrés e seus leitores, através do espaço em que aquela destina a esses, o “Fala leitor”, onde a revista recebe diversos comentários por cartas, e-mails ou comentários nas redes sociais.

Para os comentários sobre a entrevista de Benjamin Santos na edição III, temos um “bloco especial” dedicado somente a mesma, intitulada com “Libertamos o gigante!”. O próprio enunciado já denota que o objetivo do texto foi cumprido, “libertando” uma figura

que a revista entende como importante para a cultura piauiense, da prisão do “não conhecimento” por parte de muito de seu público, como o próprio comentário diz:

O filho ‘da Parnaíba’ Benjamim Santos. Nunca ouvi falar dessa figura antes. Pois saibam que o Piauí tem um teatrólogo, produtor e diretor de espetáculo que é referencia nacional. Revestrés me apresentou. Agradecido pela liberdade que deram ao gigante. A cada passo na leitura uma vontade da linha seguinte e meu imaginário ligado num vídeo documentário de Douglas Machado. (REVESTRÉS, 2012, n. 4, p.5)

O comentário vem na edição número IV, e é identificado como feito pelo leitor Diego Lopes via Facebook. A partir dele podemos observar o que Ricoeur (2010) estabeleceu como *mimesis III*. A Revestrés não somente conseguiu construir uma determinada realidade através de sua narrativa literária, como também possibilitou ao seu leitor reconhecê-la e interpretá-la, ao ponto de ele mesmo ser capaz de constituir sua própria intriga e propor até mesmo uma nova abordagem àquela narrativa, quando o mesmo sugere uma produção audiovisual para o mesmo.

Joca Oeiras, também leitor da revista, comenta: “além de tudo uma jóia de pessoa escondida sob um manto de timidez” (REVESTRÉS, 2012, n. 4, p.5); uma interpretação para o personagem Benjamin Santos que a narrativa do texto compõe. “Muito interessante o jeito como nos mostraram Benjamin Santos”, diz Waldílio Siso, demonstrando que a configuração textual da entrevista proporcione ao leitor a incorporação de novos elementos a sua própria concepção do real.

Ressaltamos, porém que ao ponto em que a revista realiza um processo de seleção desses comentários, estando eles a mercê também da edição da mesma, esses comentários passam a ser considerados também a partir de uma *mimesis I*, já que ganham um sentido dado pela revista, passando a serem, além de uma ressignificação dos leitores, uma novo sentido produzido pela *Revestrés* ao seu próprio conteúdo, confirmando assim a ideia de que o ciclo hermenêutico não se caracteriza por uma análise cíclica das narrativas, mas uma elipse em que as *mimesis* então sempre dialogando entre si.

Considerações Finais

O jornalismo tem adotado, e mais acirradamente nos dias atuais, diversas alternativas capazes de atrair cada vez mais o seu leitor. O Jornalismo Literário se tornou ao

longo do tempo uma dessas alternativas, devido as suas ricas possibilidades de construção de narrativas. Nela o jornalista pode se inserir na reportagem sem a preocupação de estar ferindo os dogmas que constituem a objetividade do Jornalismo Tradicional, e, pelo contrário, seu texto é atravessado de uma subjetividade que seja capaz de estabelecer uma relação cada vez mais íntima entre quem escreve o texto jornalístico, o texto e o leitor.

Verificar essas características literárias dentro do jornalismo praticado em *Revestrés* pressupõe entender que essa prática relaciona-se com uma concepção de “verdade” própria, diferente da considerada no jornalismo tradicional. “A dedução, a vivência e a verossimilhança fazem parte de seu instrumento narrativo, sem culpas, com firme propósito de informar, mas de uma maneira mais criativa e até transparente” (BORGES, 2013, p.205) são características apontadas por Rogério Borges para que entendamos que a busca pela *realidade factual* se desenvolve de modo mais complexo no Jornalismo Literário, isso acontece ao ponto em que o mesmo vai “promovendo um dialogismo mais honesto com quem lê, com o mundo e a estruturação do texto” (BORGES, 2013, p.205).

Essa busca pela *verdade* está, de certo modo, relacionada com o modo como o jornalista absorve as informações em seu meio, como o seu contexto molda o seu olhar. Sendo assim, entendemos que a concepção acerca do *real* se constitui no processo de *mimesis I*, ao ser apreendida e prefigurada ao modo do próprio jornalista.

É assim que compreendemos as narrativas da revista *Revestrés*, que em um processo de ciclo hermenêutico, exploram ao máximo as possibilidades que a estética da escrita literária permite ao jornalista transmitir uma, através de sua narrativa, as configurações de um mundo real ao seu leitor, permitindo ao mesmo tempo que ele também possa, através da interpretação que faz da narrativa, resignificar e reconfigurar essa realidade.

Foi o que observamos tanto quanto nos sentimos participando de um encontro de sanfoneiros ou em uma descrição de um show da cantora Stefhany, ao sermos transportados para aquele ambiente e, através da caracterização do mesmo, construímos uma imagem da cena. Bem como sentir o aroma da comida de rua preparada por Adriano Moura, ou ter a sensação de ter participado de ter bebido uma cerveja e jogado “porrinha” com Benjamin Santos.

Referências

BORGES, Rogério. **Jornalismo literário: teoria e análise**. Série Jornalismo a Rigor. Florianópolis: Insular, V.7, 2013.

FERREIRA, Mayara Sousa. **Memórias da cultura: estratégias e táticas de Revestrés na (re) construção das identidades piauienses**. 2016. 208f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina.

GONÇALVES, Thalyta. **Litericultura: as narrativas de um presente passado na imprensa literária do início do século XX**. 2017. 244f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

GUEDES, Fillipe França Ferreira. **Economia Criativa no Jornalismo Cultural Teresinense: análise da revista Revestrés**. 95 p. Monografia - Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo, Brasiliense, 1995.

MOXLEY, Mitch. **Gonzo! Confessions of a Hunter S. Thompson junkie**. Nov, 2001

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006

REIS, José. **Estudo sobre o tempo**. In: Revista Filosófica de Coimbra , nº 9, 1996, p. 143-203.

REVESTRÉS. Teresina: Quimera, n. 3, jul/ago. 2012.

REVESTRÉS. Teresina: Quimera, n. 4, set/out. 2012.

REVESTRÉS. Teresina: Quimera, n. 5, nov/dez. 2012.

RICOEUR, Paul.. Tempo e narrativa. (Tomo 1). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a.

_____. Tempo e narrativa. (Tomo 2). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b.

_____. Tempo e narrativa. (Tomo 3). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010c.

WOLF, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.